

## **VIAGEM AO BRASIL: produção e circulação entre o público europeu do século XIX**

Igor de Lima e Silva<sup>1</sup>  
(Universidade Federal de Mato Grosso)

Resumo: Este artigo pretende abordar a produção e a circulação da narrativa *Viagem ao Brasil*, do naturalista prussiano Maximiliano de Wied-Neuwied, que perscrutou o Brasil entre os anos de 1815 a 1817. Durante esses anos, o nobre viajante coletou uma infinidade de materiais e informações acerca da fauna, da flora e da sociedade brasileira, em especial dos povos indígenas. Após retornar para a Europa, o viajante buscou sistematizar todos esses dados obtidos e difundi-los entre o público especializado e leigo, lançando a obra *Viagem ao Brasil*. Esta narrativa em cinco anos foi editada e traduzida em diferentes idiomas. Contudo, ao folhear as páginas da obra, é possível verificar as interferências e as mudanças no seu conteúdo entre as várias edições, seja na narrativa verbal ou visual, contribuindo, dessa forma, para formar uma imagem difusa do Brasil oitocentista.

Palavras-chave: Maximiliano de Wied-Neuwied; Produção e Circulação; Narrativa de Viagem.

Abstract: This article aims to approach the production and reception of narrative *Travels in Brazil*, from the Prussian naturalist Maximilian of Wied-Neuwied, who scanned Brazil between the years 1815-1817. During these years, the noble traveler collected a multitude of materials and information about fauna and flora, and Brazilian society, especially indigenous peoples. After returning to Europe, the traveler systematized all these data and spread them among the expert and layperson public, releasing the work *Travels in Brazil*. This narrative in five years has been edited and translated into different languages. However, flipping through the pages of the work, you can check for interferences and changes in its content between the various editions, whether in verbal or visual narrative, thus helping to form a fuzzy picture of nineteenth-century Brazil.

Keywords: Maximiliano de Wied-Neuwied; Production and Circulation; Travel narrative.

A partir da chegada da Família Real portuguesa à sua colônia americana, em 1808, houve um aumento significativo de estrangeiros que passaram a transitar livremente em território brasileiro. Entre essas figuras encontra-se o príncipe naturalista Maximiliano de Wied-Neuwied que, em 1815, organizou uma expedição científica e, durante dois anos, explorou as regiões entre as então capitanias do Rio de Janeiro e Bahia.

O período em que permaneceu em terras americanas, o autor elaborou mais de uma centena de desenhos aquarelados e descreveu textualmente acerca da vegetação e dos tipos humanos. Todo esse material construído na viagem foi sistematizado e publicado na obra *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, editada em dois volumes (1820-1821), contendo quarenta e cinco pranchas, sendo três delas mapas. A narrativa da viagem tornou-se imediatamente referência para os interessados em estudos americanos, como Johan Friedrich Blumenbach e Alexander von Humboldt.

A obra também repercutiu entre o público leigo, haja vista que, em menos de cinco anos, foi traduzida em várias línguas europeias, com edições quase sempre ilustradas. Juntamente com a edição alemã saíram duas versões em inglês simultâneas, com o título *Travels in Brazil, in the years 1815, 1816 and 1817*. Em 1821 foi lançado o primeiro volume da edição francesa e, no ano seguinte, os dois últimos tomos que se fez acompanhar pelo Atlas. Essa publicação veio a lume com o título *Voyage au Brésil, dans les années 1815, 1816 et 1817*. Os italianos, por sua vez, editaram a narrativa com o título de *Viaggio al Brasile negli anni 1815, 1816 e 1817*, editada em 1821 e 1823. Finalmente, os holandeses e vienenses puderam acompanhar a viagem de Wied-Neuwied em 1822 e 1825, respectivamente.

Essas traduções demonstram as mudanças no campo das ciências e a autoridade e prestígio que o naturalista ganhava dentro da sociedade europeia. O fato dessa ascensão estimulou, cada vez mais, o desenvolvimento das ciências e das viagens exploratórias, na tentativa de construir um conhecimento enciclopédico e universal. Além disso, o teor das obras expunham os interesses daquele público da época. Dessa forma, Maximiliano de Wied-Neuwied, editores e os artistas-gravadores, utilizaram recursos de comunicação conhecidos, como vocabulários, signos e imagens familiares aos leitores e pode-se afirmar que “a forma de uma representação não pode estar divorciada de sua finalidade e das exigências da sociedade na qual a linguagem visual [e verbal] tem curso”, como destacou Ernest Gombrich<sup>2</sup>. Por isso, verificam-se nas traduções alterações significativas no seu conteúdo, uma vez que a finalidade explícita, ou implícita, dessas narrativas era refletir a sociedade na qual estava vinculada e se articulava.

### **O nascimento do príncipe-viajante**

Um príncipe naturalista é sempre julgado como amador displicente. A viagem às florestas, a caça às feras, os perigos do alpinismo são virtudes pessoais quando exercitadas por um homem sem pruridos genealógicos. Uma alteza qualquer, Real ou Sereníssima, não tem direito à fidelidade profissional da coragem. Sua função é a inutilidade<sup>3</sup>.

O trecho citado foi escrito por Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), cento e vinte anos depois do desembarque do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil. Essas palavras podem demonstrar a primeira impressão diante de uma expedição chefiada por um nobre, porém, ao verificar-se o histórico de formação do viajante e a sua conduta frente à viagem exploratória, depara-se com um “trabalhador legítimo, dedicado, austero, incansável e

sereno”<sup>4</sup>.

Maximiliano de Wied-Neuwied era membro da alta nobreza prussiana e tinha consciência das transformações sociais e políticas que recaíam sobre ela após a introdução das ideias Iluministas e revolucionárias de 1789. Por isso, buscou traçar caminhos diferentes do escolhido por seus companheiros e irmãos, que se dedicaram às belas artes ou à carreira militar. Focado em realizar empreendimentos de natureza científica, em 16 de abril de 1811 matriculou-se na Universidade de Göttingen, na qual se habilitou em História Natural e, depois de dois anos de estudos com célebres professores, pôde planificar a sua viagem de exploração.

Maximilian Alexander Philipp nasceu no principado de Neuwied, localizado à margem direita do Reno em 23 de setembro de 1782. Era descendente de uma das mais tradicionais famílias reinantes, senhorial e guerreira da Alemanha e, devido às obrigações familiares, alistou-se no exército prussiano, um dos principais focos de resistência à expansão francesa na Europa central. Sabe-se que a burguesia francesa, depois do movimento revolucionário, conseguiu pôr fim ao absolutismo e aos últimos resquícios do feudalismo na França, e lançava os seus tentáculos de ideias sobre outras partes do continente europeu. Essa nova ordem político-social não foi bem aceita pela nobreza europeia que, presenciando a queda de seu *status* e com receio da expansão dessas novas normas, lutou para coibir as novas ideias. Além disso, a Europa iria se deparar com as tentativas expansionistas de Napoleão Bonaparte.

Neste momento histórico da Europa, Wied-Neuwied participou em dois momentos da guerra contra a França. O primeiro foi em 1806, na batalha de Auerstedt, quando ficou prisioneiro e presenciou a queda do exército prussiano. Com a derrota da Prússia, pediu afastamento, que foi concedido mediante a promoção de major. O segundo momento ocorreu anos depois: em 1812 Wied-Neuwied retornou ao exército, desta vez para participar da Sétima Coligação, que finalmente conseguiu derrotar a cavalaria de Napoleão Bonaparte no último dia de março de 1814.

Com o fim da Guerra, Maximiliano de Wied-Neuwied saiu condecorado com a Cruz de Ferro, dada em honra aos serviços prestados ao rei Frederico Guilherme III. Contudo, cabe observar que, mesmo exercendo a função de soldado, o futuro viajante naturalista não deixou de realizar alguns estudos em ciências naturais que o fascinavam desde a adolescência, como relatou em carta ao seu amigo Johann C. H. Graf von Hoffmannsegg (1776-1849): “as circunstâncias lançaram-me [...] as fortalezas e trincheiras, onde se aproveitava cada momento

de ócio para ocupações preferidas”<sup>5</sup>. Entre as ocupações preferidas de Wied-Neuwied estavam o desenho, nos quais buscava representar visualmente o cotidiano dos soldados.

Foi logo após o pedido de baixa do exército prussiano, em 1806, que se manifestou mais nitidamente o desejo de empreender uma viagem de exploração. Maximiliano de Wied-Neuwied realizou, juntamente com o seu irmão Karl, um *grand tour* pelo norte da Itália, onde buscou se aprimorar e adquirir conhecimento prático. Segundo Josef Röder, o itinerário escolhido pelos dois príncipes não tinha nada de original: saíram no verão de 1808 e seguiram “pelo sul da Alemanha, pela Suíça, já naquele tempo conhecido país de viagens românticas, e pelo norte da Itália, onde em Gênova viu o mar pela primeira vez”<sup>6</sup>. Para Röder, foram importantes nesta viagem as primeiras anotações feitas por Wied-Neuwied, que reteve em desenhos e palavras os hábitos e costumes dos povos com os quais travou contato. Dessa maneira, Wied-Neuwied começou a delinear suas preferências e construir o perfil de naturalista, buscando aprimorar-se.

Paralelamente à viagem pela Itália, Maximiliano de Wied-Neuwied fez uma série de leituras sobre a América do Sul, notadamente das obras de Hans Staden (1525-1579), George Marcgrave (1610-1640), John Mawe (1764-1829), Henry Koster (1793-1820), e manteve contato com célebres cientistas europeus, entre eles Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) e Georges Cuvier (1769-1832).

E, como já observado, Wied-Neuwied também foi aluno na Universidade de Göttingen. De acordo com os arquivos desta instituição, o nobre se matriculou em 16 de abril de 1811, inicialmente no “Grafenmatrikel”, registro de nobres, e depois, em 29 de abril de 1811, no “Matrikel”, registro ordinário, como estudante de Ciências – “Wissenschaft Schöne”<sup>7</sup>. Esta instituição, desde a sua criação, recebeu estudantes oriundos de várias partes da Europa e do mundo. Entre esses indivíduos estavam Alexander von Humboldt e Georg Heinrich von Langsdorff.

O interessante da Universidade Göttingen foi o círculo de aristocratas que se formaram em seus ambientes. Os acadêmicos passaram a se dedicar ao estudo e classificação dos reinos da natureza, com base no exercício prático da observação e análise. Nesse contexto, os nobres do século XIX já estavam cientes das transformações que ocorriam e das dificuldades que recaíam sobre eles, principalmente os que dependiam da sua posição social: “Os homens do Iluminismo deixaram de ver o nobre como um ser biologicamente superior, socialmente privilegiado pelo berço, publicamente protegido pelo simples fato de pertencer a uma estirpe de ascendentes mais ou menos prestigiosos”<sup>8</sup>.

Esse pequeno trecho dá uma ideia da relação entre a aristocracia e a nova sociedade emergente. O “berço” se tornou um obstáculo para os filhos da nobreza, pois o homem de virtude era aquele equilibrado, que através da fusão de cultura variada, sabedoria e razão atingia o reconhecimento. Assim, a filosofia do Iluminismo enfatizou a importância do trabalho para se obter a melhor posição social.

Portanto, o Iluminismo causou uma reviravolta nos valores com os quais a sociedade ocidental atribuía significados ao mundo, em especial na ótica religiosa. Foi também nesse momento que a busca pela “verdade” passou a ser o conceito norteador do pensamento e foi reforçada a distinção do Homem com relação aos outros animais. Por ser dotado de razão, por ter a capacidade de alcançar respostas além da religião e por criar, o Homem além das artes e ciências, poderia realizar “atividades produtoras de riquezas, numa palavra, a civilização”<sup>9</sup>.

O príncipe Wied-Neuwied, ao escolher a universidade de Göttingen, sabia que, de alguma maneira, ela espelhava essa nova realidade da Europa Oitocentista, pois ensinava aos seus alunos e futuros cientistas-exploradores que deveriam investigar o homem e os objetos necessários à sua sobrevivência. Além disso, durante suas viagens, esses pesquisadores deveriam “observar também o estado das povoações e indagar a sua história, religião, costumes, artes, economia, comércio, alimentos, medicina, indumentária, habitações, armas, guerras, funerais, etc.”<sup>10</sup>. Portanto, o ser humano passou a ser tratado pela história natural como objeto passível de ser classificado e comparado.

Verifica-se que as novas concepções científicas estavam em pautas nas instituições educacionais europeias, como também nos museus, nas escolas de Belas Artes e nas escolas técnicas erguidas em várias partes do continente. Logo, as ciências passaram a ser um meio de atingir o progresso e de difusão do conhecimento e, principalmente, de divulgação da dita “civilização”.

Para Lorelai Kury “é em nome do progresso e do bem da humanidade que se dá a expansão colonialista do século XIX”<sup>11</sup>. E o personagem portador dessa espécie de missão foi o viajante naturalista, que acreditava que a ciência permitiria conhecer as leis da natureza, tornando desse modo a vida dos homens mais próspera e confortável, e que as explorações científicas produziram um “conhecimento universal”<sup>12</sup>.

Cabe observar que os assuntos referentes à botânica, zoológicas e etnográficas estão ligados ao conhecimento dos relatos dos viajantes. Foram eles que forneceram parte dos dados sobre os recursos naturais existentes nas regiões visitadas. Essa preocupação em apontar possíveis fontes de riquezas, aptas de serem exploradas como matérias-primas (por

exemplo, a madeira de Lei), não eram escolhas casuais ou resultados de opções pessoais, uma vez que os naturalistas buscavam atender às expectativas dos Estados representados.

Assim sendo, a formação do caráter desses viajantes cientistas era de consolidar interesses gerais da sociedade moderna, que se circunscrevia pelo controle político, econômico e científico. Não bastava simplesmente descrever a diversidade das plantas, animais e da população local. Havia projetos, na Europa e também na América, de construir uma identidade homogênea - tendo como parâmetro a sociedade europeia - e foi nesse momento que surgiu um:

[...] movimento [que] acaba por assumir uma forte conotação política, onde o interesse pelo conhecimento do índio e do “povo” encobre um antigo projeto das classes dominantes e do Estado, de controlar a força de trabalho, projeto esse que se oculta sob o manto da incorporação desses elementos à sociedade nacional<sup>13</sup>.

Com o aumento cada vez maior de viagens e da sua popularização, desde a segunda metade do século XVIII, surgiram centros especializados na formação de viajantes naturalistas, por exemplo, a escola do Museu de História Natural de Paris e o Jardim Botânico de Lisboa, que tinha uma cadeira de história natural. Houve também a circulação de uma série de manuais, que eram verdadeiros guias de instruções, os quais davam as coordenadas aos exploradores.

Dentre os diversos manuais disponíveis, Kury apresentou um deles, especificando os quatro objetos, em ordem de utilidade, que mereciam a atenção dos viajantes no momento de observar e coletar. Conforme a autora, em primeiro lugar estava todo material que possibilitasse o bem-estar da humanidade; em seguida viriam os objetos que proporcionassem o aumento do conhecimento e, conseqüentemente, a prosperidade da espécie humana; depois era a vez dos materiais que permitissem o seu próprio aperfeiçoamento; por fim, os conhecimentos de ornamento que facilitassem os estudos daquilo que era importante para os seres humanos<sup>14</sup>.

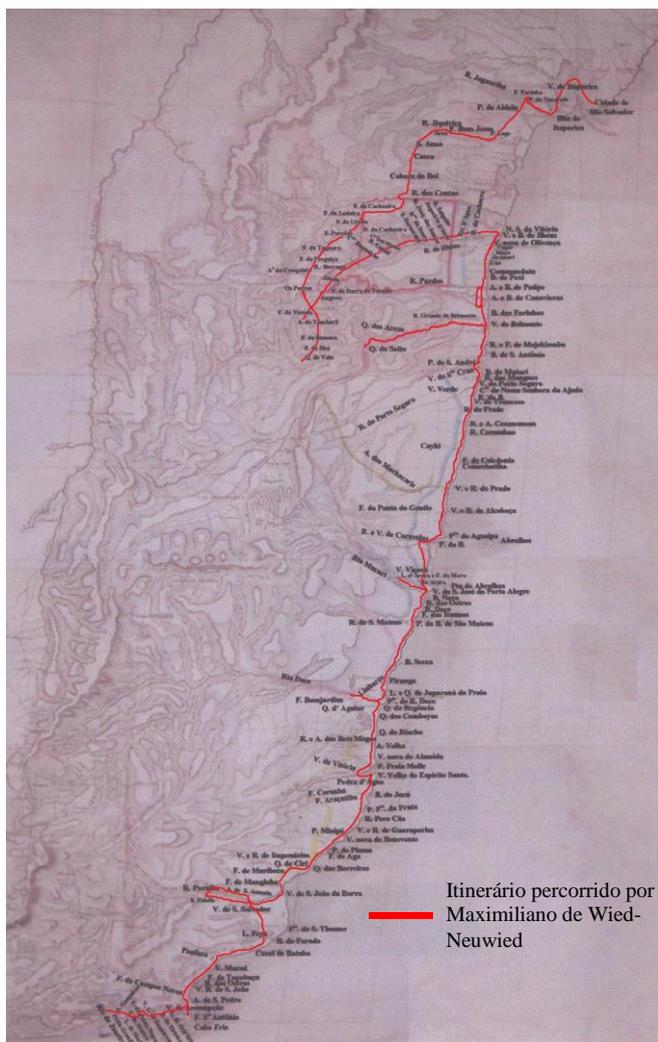
Ao colocar em práticas estes objetivos, os relatos textuais e visuais das expedições que, entre o final do XVIII e meados do século XIX percorreram os quatro continentes, poderiam ser usados como instrumentos para o progresso das ciências. É importante ressaltar que as narrativas dessas viagens despertaram um grande interesse na Europa, principalmente na medida em que os seus autores assumiam “se não as posições políticas e filosóficas dos enciclopedistas, pelo menos o espírito universalista do século das luzes”<sup>15</sup>.

Maximiliano de Wied-Neuwied é um exemplo deste indivíduo que atravessou um

oceano em busca de materiais para ampliar os conhecimentos sobre o mundo e a humanidade. Deste modo, o naturalista renano procurou coletar o máximo de informações que pudessem construir um instante da história do Brasil oitocentista.

## A viagem pelo Brasil

A magnitude da natureza tropical, a diversidade de animais e aves e a multiplicidade de tipos humanos que se encontravam na América foram alguns dos fatores que levaram Wied-Neuwied a escolher o Brasil como local de estudos, sem esquecer a sedução que o espaço até então vedado à comunidade científica provocava nos estudiosos não portugueses. Contudo, na idealização e planejamento da expedição há outros fatores que contribuíram para a escolha do espaço a ser investigado, como as relações fortuitas do príncipe com figuras importantes da administração portuguesa e a certeza de encontrar outros expedicionários no



Mapa 01 - Rota da expedição de Maximiliano de Wied-Neuwied. Fonte: WIED-NEUWIED, Maximilian prinzu. **Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.** Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner, vol. 1 e 2. 1820-1821.

Brasil. Dentre essas figuras que auxiliaram Wied-Neuwied foi o seu ex-colega de Göttingen, Joaquim Lobo da Silveira, que escreveu uma carta de apresentação ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Antônio de Araújo e Azevedo, futuro conde da Barca, demonstrando as qualidades do expedicionário alemão.

Para a viagem Wied-Neuwied tentou financiamento. Entretanto, não obteve a ajuda esperada e a expedição foi custeada pela sua família. Esta disponibilizou poucos recursos para a empresa e, dessa forma, o príncipe não poderia ter muitas regalias. Apesar dessa limitação financeira, Wied-Neuwied trouxe para o Brasil dois empregados do palácio, especificamente o caçador David

Dreidoppel, responsável pela coleta de material zoológico, e o jardineiro Christian Simonis, encarregado pela herborização.

Em solo brasileiro Wied-Neuwied teve o apoio de duas figuras importantíssimas, a saber, George Heinrich von Langsdorff, o cônsul-geral das Rússias, o barão Langsdorff, e o ilustrado ministro conde da Barca. O primeiro possibilitou ao recém-chegado conhecer um bom número de pessoas e principalmente dois alemães que estavam no Brasil, Georg G. Freyreiss e Frederic Sellow. Foram esses dois naturalistas que empreenderam com o nobre prussiano a viagem de exploração, o auxiliando na logística da empresa e na constituição da rota a ser seguida através do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Já o conde da Barca forneceu-lhe passaportes e cartas de recomendação para as autoridades locais; isto garantia que durante o grande trajeto Wied-Neuwied e seus companheiros teriam a facilidade de conseguir materiais, abrigos, víveres e animais quando estivessem no transcurso da sua jornada.

Nos dois anos em que ficou no Brasil, 1815 a 1817, Maximiliano de Wied-Neuwied explorou, sobretudo, a área que atualmente se denomina como Mata Atlântica, que nesse período era um espaço conhecido pela densa vegetação, ocupada por diferentes etnias e por alguns núcleos populacionais de luso-brasileiros. Durante esses anos de exploração, Wied-Neuwied pôde recolher ricas informações sobre a fauna e a flora e, em especial, acerca dos povos indígenas que manteve contato: Coroado, Coropó, Puri, Pataxó, Capoxo, Cumanaxo, Maxakali, Panhame, Maconi, Malali, Menién, Guerén, Kamakã e Botocudo<sup>16</sup>.

O trajeto executado pelos viajantes, do Rio de Janeiro até a Bahia, não coincidiu com o de nenhuma outra expedição estrangeira (mapa 01). O mais próximo que se chegou as essas paragens foram as expedições de John Mawe e Ludwig von Eschwege, quando excursionaram pela capitania de Minas Gerais. O ornitólogo Freyreiss acompanhou von Eschwege durante a sua pesquisa na região mineira, desse modo sabia das dificuldades e dos benefícios de uma grande viagem, além do mais, estava ciente de que a faixa litorânea brasileira ainda não tinha sido explorada por europeus, além de portugueses<sup>17</sup>.

Agrega-se a isso o fato de as autoridades luso-brasileiras terem interesses econômicos nas áreas entre o Rio de Janeiro e o sul da Bahia, onde intencionavam fomentar a agricultura e a pecuária e intensificar a colonização com estrangeiros e brasileiros. Portanto, foi na Mata Atlântica que os naturalistas empreenderam a viagem, encontrando diante de si uma diversidade de plantas e animais, uma geografia heterogênea e, em especial, homens, mulheres e crianças com modos de vida muito distantes do que eles eram habituados.

A viagem de Maximiliano de Wied-Neuwied por essas paragens iniciou-se em quatro de agosto de 1815. Partiam com dezesseis muares, carregando cada um duas caixas de madeira; variados instrumentos de trabalho, por exemplo, enxadas e facas; matérias para conservar os objetos da história natural, tais como vidros, algodão e álcool; aparelhos de precisão e dispositivos ópticos, como a câmara lúcida de Frederic Sellow. Além dos equipamentos, a expedição estava composta pelo príncipe, os dois naturalistas alemães, os dois empregados do naturalista, caçadores e tropeiros. E, ao longo da empresa, foram contratando mais pessoas e também receberam o apoio de soldados, pedestres, negros escravos, libertos e, principalmente, indígenas. Estes últimos foram fundamentais para a expedição, uma vez que o conhecimento prático auxiliou nas caminhadas na densa mata e nas caçadas.

A localidade escolhida forneceu ao expedicionário uma diversidade de informações sobre os costumes e hábitos das sociedades indígenas, constituindo um pequeno inventário sobre as etnias do Brasil do século XIX. Os trabalhos que exerceu nessas regiões ficaram registrados em seu livro *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817 (Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817)*, em escritos e imagens que retratam, especialmente, uma dezena de grupos indígenas.

Dentre as etnias perscrutadas, quatro sociedades chamaram mais a atenção do viajante e foram descritas com mais detalhes, a saber, Puri, Pataxó, Botocudo e Kamakã. Para Herbert Baldus, Wied-Neuwied foi o primeiro cientista que veio ao Brasil com a finalidade expressa de estudar os indígenas no seu “próprio *habitat*, indo encontrá-los nas suas aldeias ou acampamentos, não se prendendo, portanto, a comentar as informações fornecidas pelas obras lidas ou de terceiros, formando um pequeno inventário de costumes”<sup>18</sup>.

Com o seu pensamento enciclopédico, Maximiliano de Wied-Neuwied especificou nominalmente cada um dos adornos, pinturas corporais, arcos e flechas, tipos de moradias, entre outros. Buscou também exercitar os conhecimentos adquiridos nas aulas de Blumenbach e nas leituras específicas, pois tratou da aparência física, dos tamanhos dos crânios e órgãos genitais. Não fugiu à sua pena a guerra dos colonos com os indígenas, em especial, a “Guerra Justa” aos Botocudo e colocou em dúvida a prática da antropofagia tão fortemente imposta às populações indígenas do Brasil<sup>19</sup>.

Sendo assim, as investigações realizadas por Wied-Neuwied, e demais companheiros, nos espaços explorados, não há dúvida do sucesso da empreitada, uma vez que o material

obtido auxiliou no desenvolvimento do conhecimento científico, através da divulgação do cuidadoso inventário sobre o Brasil oitocentista.

### ***Viagem ao Brasil: circulação e produção na Europa***

Nos Oitocentos crescia na Europa o interesse pelas expedições naturalistas e, principalmente, pelo produto final dessas viagens exploratórias. Estes materiais de cunho científico tinham informações importantes sobre a fauna, a flora e os homens de áreas ainda pouco estudadas por cientistas europeus. Foi nesse contexto que surgiu a publicação *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, obra que saiu em duas edições simultâneas, ambas em dois volumes, datadas de 1820 e 1821. Os livros de viagem foram editados pela casa tipográfica alemã H. L. Brönnner e as diferenças entre as duas publicações estão na disposição das imagens e seus motivos, além da quantidade.

De autoria do naturalista Maximiliano de Wied-Neuwied, o seu relato tinha, entre outras funções, suprir a falta de informações sobre a América Portuguesa e atender às expectativas tanto de um público especializado como de leigos ávidos por notícias sobre o Brasil. A ponto de a obra ganhar, em menos de cinco anos, versões em diferentes idiomas, a saber: inglês (1820), francês (1821-1822), italiano (1821-1823), holandês (1822-1823) e, por fim, novamente alemão, na cidade de Viena (1825). Essas edições tão prematuras geraram sérios problemas no conteúdo da narrativa, por exemplo, a versão em inglês teve a narrativa editada de forma incompleta. Os problemas não se concentraram apenas no relato. As gravuras que retratam o Brasil em diferentes perspectivas também sofreram modificações, em decorrência do processo de fazer cópias das imagens, a partir das várias edições.

Vale destacar que os desenhos aquarelados sobre papel, feitos *in loco* ou em momentos de descanso da viagem, apresentando diferentes temas do Brasil, tinham uma importância significativa, pois eles ajudariam o naturalista a lembrar acontecimentos da viagem e, portanto, ajudariam na elaboração da narrativa, além de ser um rico material para a confecção das gravuras. Com relação à elaboração das estampas que ilustrariam o livro, essas aquarelas sofreram interferência nas mãos dos gravadores - contratados pelo viajante e pelo editor -, assim, os motivos iniciais foram pouco a pouco ganhando outro sentido.

Maximiliano de Wied-Neuwied tinha consciência da demanda pelas obras de viajantes. Tanto que, durante a viagem, buscou anotar e desenhar cada detalhe do território, matas fechadas, cidades, rios caudalosos, populações, fauna, flora, tipos de solos, etc. Essa prática de se expressar, através da escrita verbal e visual, reflete as convenções, os interesses

e, em especial, para quais grupos sociais esse montante de reflexões foram construídas e buscavam atingir. Logo, o discurso adotado só se sustentou porque havia um “corpo social” muito bem delimitado e solidificado que direcionou o olhar do viajante<sup>20</sup>. Entre as instituições que o príncipe buscou alcançar reconhecimento estavam os seus pares cientistas. Para isso, submeteu-se às regras e aos métodos desse grupo.

Entretanto, a obra *Viagem ao Brasil* não ficou restrita aos seus pares, pelo contrário, a lista de compradores era extensa e diversificada, entre os solicitantes estavam o imperador da Áustria, os reis da Baviera, Dinamarca, membros da família do Czar, além de sociedades científicas e bibliotecas. A notícia da publicação também circulou entre os principais jornais e revistas do período. A revista francesa *Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l’histoire ou recueil* divulgou uma nota sobre a nova edição, anunciando os valores de compra da obra e suas características físicas, porém não teceu comentários sobre o seu conteúdo<sup>21</sup>.

Nesse quesito, a obra, quando foi difundida entre o público, recebeu elogios e críticas negativas. Entre os especialistas que fizeram comentários positivos acerca da obra estava o célebre naturalista Alexander von Humboldt. Este, ao ter em mãos os três volumes da narrativa e as gravuras de Wied-Neuwied, enviou uma carta ao ministro da Prússia, Sigismund Franz Altenstein, enaltecendo o trabalho do príncipe viajante e comentando sobre a diversidade de informações e a tenacidade em empreender tal viagem ao continente americano.

Serei feliz de oferecer ao Sr. o Príncipe de Neuwied, e ao editor de sua importante obra, todos os pequenos serviços que estou em condições de oferecer. [...] ele [Maximiliano de Wied-Neuwied] me encantou pela sua modéstia, a variedade de seus conhecimentos e seu zelo corajoso sem o qual não se pode executar uma viagem distante e penosa.<sup>22</sup>

Enquanto Humboldt elogiou os trabalhos de Wied-Neuwied, um dos críticos mais ferozes da *Viagem ao Brasil* foi o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que esteve no Brasil entre os anos de 1816 e 1822, e apontou incongruências nos dados fornecidos por Wied-Neuwied, em especial sobre a flora e a fauna. Esses apontamentos feitos pelo viajante francês levaram Wied-Neuwied a publicar um livro que contestou e corrigiu todos os erros assinalados pelo seu colega viajante. A obra foi editada em 1850 com o título *Brasilien. Nachträge, Berichtigungen und Zusätze zu der Beschreibung meiner Reise im Östlichen Brasilien*, traduzido para o português como, *Acréscimos, correções e notas à descrição da minha viagem ao Leste do Brasil*.

No prólogo da obra, Wied-Neuwied se direcionou ao viajante francês incrédulo, em especial pelas críticas e falta de percepção de Saint-Hilaire:

[...] A publicação algo apressada da referida descrição de viagem teve como consequência alguns enganos na determinação dos espécimes histórico-naturais, além de que um doutor viajante francês se externara muitas vezes sobre esse trabalho em tom de censura, dando margem a que o leitor possa suspeitar de que tenha havido superficialidade e falha de observação ou de que o autor tenha sido menos consciencioso em registrá-las. [...] Parte daquelas críticas pode ser imediatamente destruída se estiver em mente que o referido cientista francês teve sob os olhos uma tradução francesa da referida obra, tradução sob muitos pontos de vista incorreta [...].

Além das considerações acima, Wied-Neuwied censurou os viajantes que não se baseiam em dados coletados a partir de longas durações de observações, ocorrendo, portanto, em apontamentos e considerações nem sempre fidedignos.

As críticas de Saint-Hilaire não diminuíram o valor da obra do príncipe naturalista, uma vez que houve uma rápida tradução em diferentes idiomas. Como foi visto, em cinco anos *Viagem ao Brasil* recebeu traduções em inglês, francês, italiano, holandês. Outro elemento curioso na tradução da narrativa foram os diferentes formatos – in-fólio, in-quartos, in-oitavos e in-duodécimos - eram estratégias criadas pelos editores e livreiros para baratear os custos dos livros e com isso permitir que mais compradores pudessem adquiri-los a preços mais acessíveis. E o recurso de confeccioná-los em tamanhos menores (in-oitavo e in-duodécimo) era para melhor transportá-los, manejá-los e diminuir o custo ao leitor<sup>23</sup>.

Esse conjunto de diferentes versões da mesma obra de Wied-Neuwied ressalta a preocupação das casas editoriais do período, que buscavam “adequá-los às capacidades de leitura dos compradores que têm de conquistar”<sup>24</sup>. Desse modo, os livros foram adaptados de acordo com os interesses dos leitores. Para tanto, utilizou-se fórmulas de produção, que interferiram no conteúdo, no formato e nas gravuras. Assim, as obras editadas passaram a ter formatos variados, cores de capa que chamassem mais a atenção – como vermelha e azul –, preços mais acessíveis, duas opções de papeis, ou seja, uma de qualidade superior e outra de qualidade inferior, gravuras coloridas e em preto e branco e prólogos explicativos, que serviam de diálogo entre os editores e os leitores.

Portanto, toda essa movimentação editorial demonstra, entre outras particularidades, as proposições do Iluminismo de tornar pública a vivência dos expedicionários e também de divulgar os conhecimentos adquiridos nas viagens. Verifica-se que a circulação da obra de Maximiliano de Wied-Neuwied se enquadra num contexto de “expansi3n europea y a la ciencia moderna”, que desde o s3culo XVIII aumentava o n3mero de seguidores<sup>25</sup>.

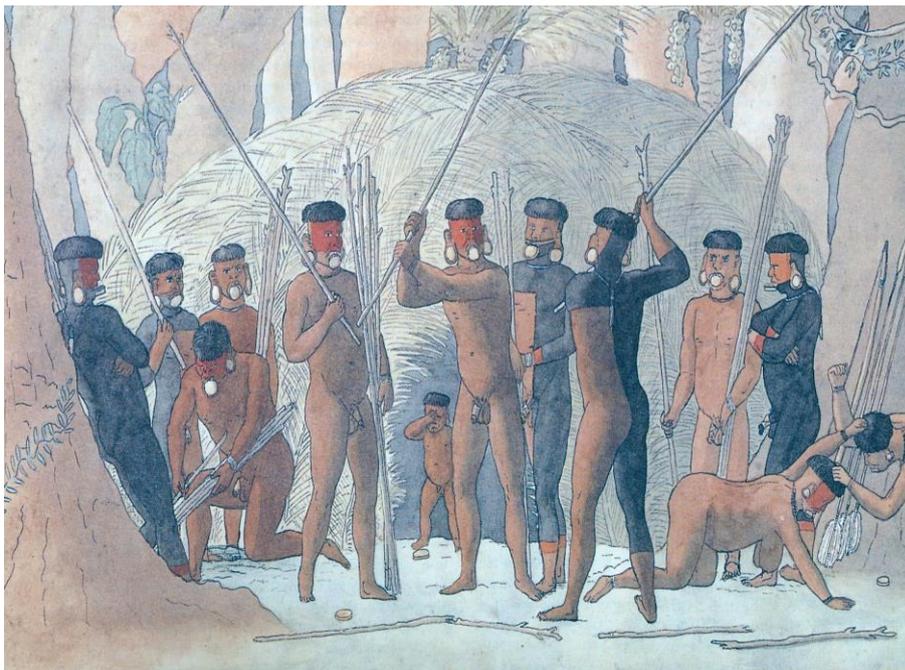


Figura 01: WIED-NEUWIED, Maximiliano de. *Briga dos Botocudos próximos ao Quartel dos Arcos no Rio Grande de Belmonte. Em 1816*. Aquarela e pena. Fonte: LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit, 2001. 125.

Toda essa produção editorial, quase em escala industrial, provocou sérios problemas no conteúdo da obra, seja no relato ou nas gravuras. Para ilustrar como foi disponibilizada ao público europeu a narrativa de viagem, uma das primeiras versões a sofrer

interferência foi a edição inglesa. Esta veio a lume em 1820 e saiu com dois volumes diferentes e simultâneos. O primeiro livro com o título *Travels in Brazil, in the years 1815, 1816, 1817* foi editada por Henry Colburn & Co. e o segundo *Travels in Brazil, in the years 1815, 1816, and 1817* teve a Richard Phillips, and Co. como responsável pela editoração. As duas casas tipográficas disponibilizaram os livros no tamanho in-oitavo, somente com parte da narrativa, e os seus leitores puderam apreciar na primeira obra seis estampas, um mapa e um retrato do príncipe Wied-Neuwied, enquanto a outra apresentou somente nove gravuras (sendo duas desdobráveis).

Entretanto, o que salta aos olhos nessa publicação são as gravuras que tiveram mudanças significativas no seu conteúdo. No processo de elaborar as gravuras, utilizaram-se como base as aquarelas de Wied-Neuwied. Por exemplo, o desenho aquarelado *Briga dos Botocudos próximos ao Quartel dos Arcos no Rio Grande de Belmonte. Em 1816* (figura 01) foi ganhando novos motivos nas mãos dos artistas gravadores, seja na Alemanha ou em Londres.

Nota-se na aquarela treze Botocudo, sendo dez homens, duas mulheres e uma criança. Na aquarela Wied-Neuwied retratou os homens em diferentes posições, em pé e agachados, e distribuídos por toda a folha. Cada um dos figurantes foi desenhado de acordo com a função a ser desempenhada no combate. Por exemplo, há um Botocudo ajoelhado, que preparava novas armas para o confronto, têm-se dois oponentes, no centro, brigando entre si, enquanto os

outros indígenas aguardavam a sua vez para entrar na luta. No canto inferior direito, o naturalista registrou como as mulheres participavam da luta, uma delas foi retratada apoiando os joelhos e uma das mãos no chão, enquanto a outra mão segurava fortemente o cabelo da inimiga. Por sua vez, a sua parceira foi desenhada curvada e com a mão semi-levantada, pronta para dar um golpe na sua opositora. Por fim, o infante foi colocado no centro da confusão e presenciava todo o espetáculo com expressão de espanto, pois esconde os olhos com as mãos. Pode-se observar ainda que, no chão, visualizam-se três botoques e duas varas quebradas, dando indício que outros Botocudos participaram do conflito e saíram dele desfigurados, dentro da estética corporal botocuda.

Além das figuras humanas, a aquarela traz outras características dessa sociedade, tais como o tipo de moradia, dos arcos e das flechas. Estas últimas aparecem junto a uma árvore, na parte direita do desenho, e eram utilizadas somente em casos extremos da batalha. Observa-se também que a vegetação ocupa o segundo plano da imagem e suas proporções são mínimas ao compará-la com a cena do conflito. Esse recurso serviu para direcionar o olhar do

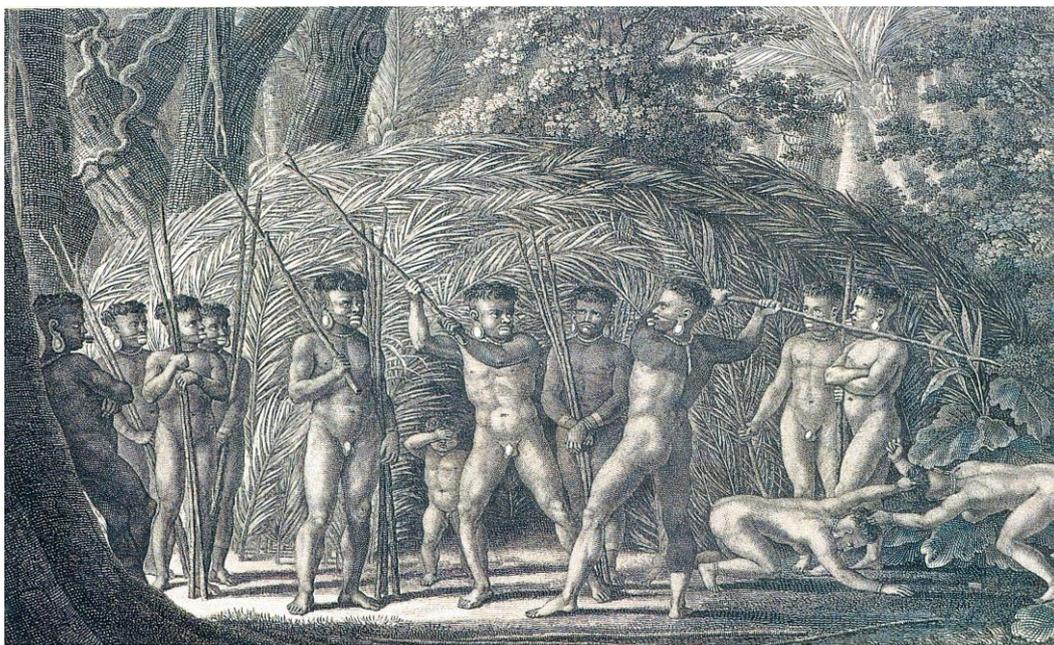


Figura 02: MÜLLER, H. *Luta de Botocudos no Rio Grande de Belmonte*. Gravura. Fonte: WIED-NEUWIED, Vol. I, 1820-1821, 11.

espectador para as intenções do naturalista, a saber, os atributos físicos, os adornos e a maneira de lutar dos Botocudo.

Nessas informações visuais sobre os Botocudo o que ressalta mais na aquarela são as pinturas corporais. Os cinco indivíduos que possuem os seus corpos parcialmente cobertos de tinta preta e os quatro personagens que têm somente o rosto pintado de vermelho são

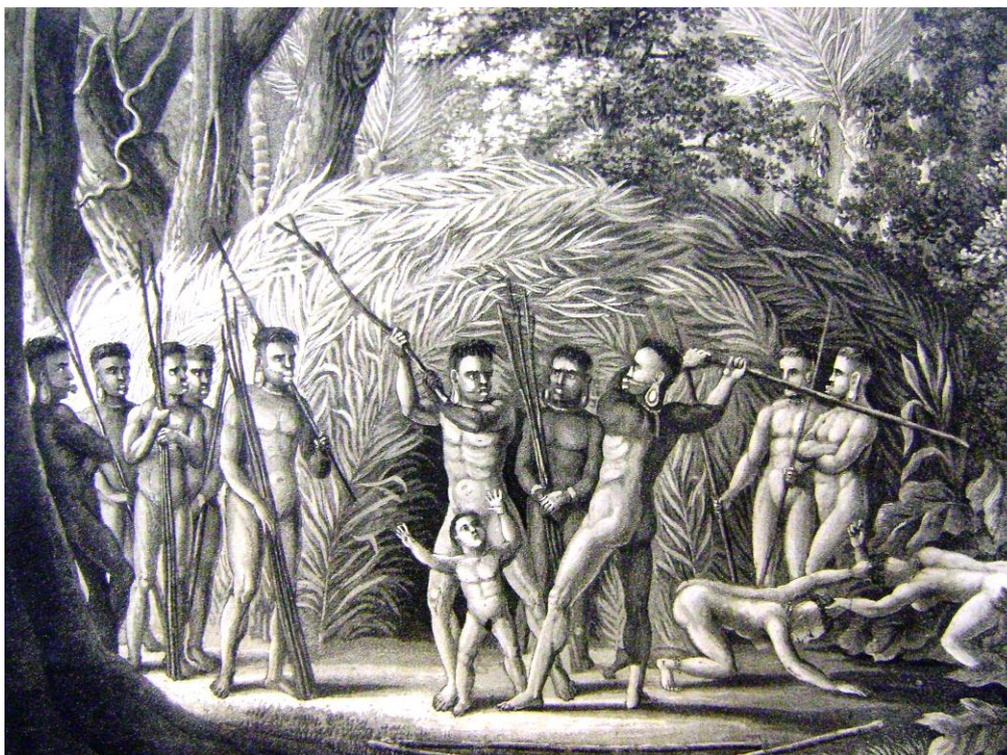


Figura 03: DESCONHECIDO. *Combate singular dos Botocudos*. Fonte: WIED-NEUWIED, Prince Maximilian of. *Travels in Brazil, in the years 1815, 1816, 1817*. London: printed for Henry Colburn & Co., 1820: 323.

elementos importantes para compreender os distintivos de cada um dos envolvidos no conflito.

Ao confrontar as pranchas publicadas na edição alemã, verifica-se que os gravadores alteraram significativamente o conteúdo que o naturalista propôs inicialmente nos seus esboços. A estampa *Luta de Botocudos no Rio Grande de Belmonte* (figura 02) é uma composição feita a partir do desenho aquarelado de Wied-Neuwied. A aquarela que não foi publicada traz valiosos dados acerca dos Botocudo e mostra, principalmente, diferenças somáticas e culturais. Já o trabalho de Müller deixou escapar inteiramente os detalhes propostos pelo prussiano, assim:

[...] o homem [transformou-se] inteiro num verdadeiro adônis a gosto da donzela branca, perdendo malares largos para um rosto mais fino [...]. As mulheres desengraçadas, pesadonas, no original do viajante, adquiriram, nas mãos dos embelezadores, quase a elegância duma moderna esportista<sup>26</sup>.

A partir dessas duas imagens podemos observar que os treze Botocudo ganharam novas posições, fazendo com que os movimentos e funções dos personagens na cena se perdessem. Outra peculiaridade que chama a atenção na gravura do francês Müller foi a tentativa de escamotear, em parte, a nudez frontal. Segundo os estudiosos Josef Röder e

Herbert Baldus, parte da responsabilidade desse rearranjo nas imagens, em especial a ocultação dos órgãos genitais, se deve a critérios morais, em que estavam envolvidos os gravadores, editores e o público alvo.

Seguindo todo o processo de elaboração das imagens, desde a sua primeira fase até o trabalho final dos gravadores, e se verificar cada gravura editada, observa-se uma sequência de alterações que envolvem a nudez dos indígenas. Nesse sentido, a casa tipográfica londrina, baseando-se na gravura alemã, produziu um motivo da estampa de Müller e de Wied-Neuwied, a gravura *Combate singular dos Botocudos* (figura 03), publicada na versão inglesa. Como na versão alemã, a prancha inglesa possui a mesma quantidade de personagens, ou seja, treze Botocudo, entre homens, mulheres e crianças. A mudança mais significativa na gravura foi a de colocar a criança em primeiro plano, frente ao personagem central, com o intuito de camuflar o seu órgão genital. Adentrando mais nas duas imagens, verifica-se que na estampa de Müller alguns indígenas têm à mostra os seus órgãos genitais ou o estojo peniano, já a gravura inglesa não expôs nenhum pênis e menos ainda o atavio peniano dos personagens.

Desse modo, as mudanças inseridas nas gravuras das versões alemã e inglesa foram se distanciando do propósito inicial de Wied-Neuwied, que desejava demonstrar as práticas dos indígenas dentro do seu ambiente e sem qualquer idealização. Fica evidente que o trabalho do gravador inglês perpassou por questões morais ao esconder todos os órgãos genitais dos indígenas. E, além do mais, parece desconhecer as propostas científicas do naturalista prussiano.

Vale lembrar que os leitores ingleses não foram contemplados com todo o relato, ficando sem conhecer detalhadamente os costumes dos Botocudo e, especificamente, da luta descrita pelo expedicionário. Um leitor mais atento, caso tivesse a obra completa em suas mãos, perceberia as contradições existentes entre os dois textos, o verbal e o visual.

As interferências acima também se verificam em outras edições, como nas versões em italiano e holandês. Há também a composição de novos temas, por exemplo, a tentativa de esconder a prática da poligamia entre os indígenas. Dessa forma, as imagens estereotipadas destinadas à indústria livreira, que buscavam atender à demanda de leitores especializados ou leigos, induziram artistas a criarem cenas semelhantes ou com marcas muito distintas entre si, o que levou a uma “fusão de elementos contraditórios. De um lado o misterioso, o irracional, o mítico, como dimensão projetada de uma outra temporalidade, ancestral. De outro, uma nova realidade, a do tempo presente, progresso e racionalidade”<sup>27</sup> acerca das representações dos povos indígenas do século XIX. Nos desenhos projetados por Wied-Neuwied, portanto,

não se encontra qualquer referência a um estado paradisíaco ou contemplativo dos costumes dos indígenas, mas, sim, uma árdua tarefa de configurar imagens que retratam a sua cultura.

Wied-Neuwied, portanto, era um grande observador dos povos indígenas e das mudanças que ocorriam nas sociedades indígenas que conheceu e, com isso, conseguiu produzir um repertório iconográfico de claro valor etnográfico, no qual evidenciou a vida indígena em seu habitat natural, com detalhes sobre a sua organização familiar, os instrumentos de guerra, caça e ornamentos, entre outros produtos.

Toda essa preocupação naturalista foi se perdendo nos procedimentos de reelaboração dos originais. Isso se deve aos princípios reguladores, que tanto atingiam ao cientista, editores das casas tipográficas e gravadores e, por isso, tendiam a suprimir “informações cujo valor documental revela-se precisa [...]”<sup>28</sup>, como o caso da nudez frontal. Esse filtro se deve, entre outros fatores, ao interesse dos leitores em saber maiores detalhes sobre a realidade dos povos americanos e, para satisfazê-los, o naturalista e os editores tinham que entrar num consenso do que seria mais adequado a ser mostrado ao público. As gravuras publicadas na obra de Wied-Neuwied são exemplos desse trabalho em conjunto.

Não se sabe o grau de concordância que o viajante teve com estas mudanças, mas o fato é que nas páginas do *Reise nach Brasilien* [...] o discurso é muito distinto daquele produzido pelo próprio autor. Possivelmente, Wied-Neuwied desconheceu as proporções que tomou o seu relato e suas representações dos povos indígenas no universo europeu.

Ao abordar a edição inglesa tem-se uma dimensão da procura pelas obras de viajantes, em especial pelos que exploravam a América. No caso da narrativa de Wied-Neuwied, depara-se com uma procura que não ficou localizada em um país ou idioma, pelo contrário, o relato e suas imagens circularam pelos quatro cantos do continente europeu e atendeu às expectativas dos mais diferentes públicos.

A obra *Viagem ao Brasil*, portanto, é um exemplo da curiosidade que o espaço americano estimulava nos leitores europeus e como essas narrativas compuseram um novo repertório acerca da diversidade dessa parte do planeta, principalmente, sobre as características das sociedades indígenas.

Além disso, a narrativa visual da obra proporcionou uma imagem deturpada sobre os povos americanos, em especial os indígenas do Brasil. Verifica-se que as gravuras reelaboradas construíram quadros idealizados desses povos, os quais apresentam corpos de adônis gregos e, às vezes, inseridos em paisagens paradisíacas que não representam o espaço americano. Já em outras pranchas os artistas gravadores optaram em escamotear práticas

culturais dos indígenas, como a poligamia ou a arte da pintura corporal. Dessa forma, homogeneizaram grupos étnicos que possuem características identitárias diferentes e percurso histórico-social diverso.

Toda essa retórica visual, além de características de produção da obra que incluem tamanho da edição, quantidade de gravuras e imagens coloridas ou em preto e branco e qualidade da impressão, evidencia o cuidado dos editores e gravadores e do próprio viajante naturalista em confeccionar obras que atendessem a um determinado público. Porém, nesse triângulo de forças, os maiores comprometidos foram os representados e os futuros leitores, uma vez que esse material iconográfico é utilizado de forma indiscriminada pelos manuais didáticos e outros veículos de comunicação, assim perpetuando estereótipos e estigmas acerca da população retratada.

#### **Fontes:**

LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit. *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa Editorial, Catálogo do Legado do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, vol. II, Primeira Parte, 2001.

NEUWIED, by prince Maximilian. *Travels in Brazil in 1815, 1816, and 1817*. London: printed for Sir Richard Phillips, and Co., vol. 1, 1820.

PRINZ ZU WIED-NEUWIED, Maximilian von. *Brasilien. Nachträge, Berichtigungen und Zusätze zu der Beschreibung meiner Reise im Östlichen Brasilien*. Frankfurt am Main: Druck und Verlag von Henrich Ludwig Brönnner, 1850.

WIED, Príncipe Maximiliano de. *Acréscimos, correções e notas à descrição de minha viagem pelo leste do Brasil*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Pesquisas, 1969.

WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815, 1816 bis 1817*. Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner, 1820-1821. vol. 1 e 2.

WIED-NEUWIED, door Maximiliaan prinz Van. *Reize naar Brasilië, in de jaren 1815 tot 1817*. Groningen: Beij W. van Boekeren, 1822-1823. vol. 1 e 2.

WIED-NEUWIED, by prince Maximilian of. *Travels in Brazil, in the years 1815, 1816, 1817*. London, printed for Henry Colburn & Co., 1820. Vol. 1.

WIED-NEUWIED, Dal principe Massimiliano di. *Viaggio al Brasile negli anni 1815, 1816 e 1817*. Milano: Tipografia di Giambattista Sonzogno, 1821-1823. vol. 1, 2, 3 e 4.

WIED-NEUWIED, Maximilien, prince de. *Atlas. Voyage au Brésil, dans les annés 1815, 1816 et 1817*. Paris: Arthus Bertrand, 1821-1822.

WIED-NEUWIED, Maximiliano de. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WIED-NEUWIED, Maximilien, prince de. *Voyage au Brésil, dans les annés 1815, 1816 et 1817*. Paris, Arthus Bertrand, vol. 1, 2 e 3, 1821-1822.

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto da pesquisa “Viajantes e a Representação de Índios no Brasil (1750-1850)”, financiado pelo CNPq, que foi realizada inicialmente como bolsista PIBIC e, posteriormente, sendo desenvolvida durante o mestrado, sob orientação da profa. Dra. Maria de Fátima Costa. Atualmente, o autor integra o grupo de pesquisa “História, Arte, Ciência e Poder (HISARCIPO/UFMT-CNPq)”.

<sup>2</sup> GOMBRICH, Ernest. *Arte e Ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo, Martins Fontes, 1986,79.

<sup>3</sup> CASCUDO, Câmara. *O Príncipe Maximiliano no Brasil*. Rio de Janeiro, Kosmos 1977, p. 13.

<sup>4</sup> CASCUDO, 1977, p. 14.

<sup>5</sup> LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN-GAMBER, Birgit. *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied*. Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH. Petrópolis: Kapa, Catálogo do Legado do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, vol. II, Primeira Parte, 2001, p. 09.

<sup>6</sup> PRINCIPE DE WIED, Maximiliano. *Viagem ao Brasil 1815-1817*. Excetos e Ilustrações. São Paulo, Melhoramentos, 1969, p. 07.

<sup>7</sup> *Arquivo da Universidade de Göttingen*. Para o estudioso Fritz K. Ringer (2000, p. 33), a Universidade de Göttingen, fundada em 1734, tinha como princípio uma “educação plena e harmoniosa do indivíduo integral, a formação de personalidades esteticamente harmoniosas, ‘cultivadas’”. A criação da instituição era uma reação contra os racionalistas, que tinham relegado os estudos clássicos à segunda ordem.

<sup>8</sup> SERNA, Pierre. “O Nobre”. In: VOVELLE, Michel (Org.). *O Homem do Iluminismo*. Trad. Lisboa: Editora Presença, 1997, p. 52.

<sup>9</sup> VOVELLE, Michel. “Introdução”. In: VOVELLE, Michel (Org.). *O Homem do Iluminismo*. Trad. Lisboa: Presença, 1997, p. 10-11.

<sup>10</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Livro de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997, p. 201.

<sup>11</sup> KURY, Lorelai. “Viajantes e Naturalistas do Século XIX”. In: Paulo Roberto Pereira (Org.). *Brasileana da Biblioteca Nacional*. Guia das fontes sobre o Brasil. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional/Nova Fronteira, 2001, p. 66.

<sup>12</sup> KURY, 2001, p. 67-68.

<sup>13</sup> PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. “Imagem e representação do índio no século XIX”. In: GRUPIONI, Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. São Paulo, Secretária Municipal de São Paulo: Global, 1992, p. 64.

<sup>14</sup> KURY, 2001, p. 66.

<sup>15</sup> MENDES, Elizabeth de Camargo. *Os Viajantes no Brasil: 1808-1822*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981, p. 53.

<sup>16</sup> A grafia dos nomes das sociedades indígenas mencionadas neste artigo obedeceu às normas da I Reunião Brasileira de Antropologia, Rio de Janeiro 1953, que determinaram a maneira correta de grafá-las como no singular. Já nas citações de Wied-Neuwied e outros autores, foi mantida a forma utilizada na fonte.

<sup>17</sup> A Coroa portuguesa tinha muito interesse na área, tanto que D. João VI mandou fazer um intenso levantamento sobre as condições da região. O primeiro passo foi levantar a real situação do território entre o Rio de Janeiro e a Bahia, para isso foi nomeado o desembargador Luiz Thomas de Navarro de Campo, que no ano de 1808, percorreu do litoral baiano até a cidade do Rio de Janeiro, e observou as situações das vias de comunicação, o estado das cidades e povoados, as potencialidades naturais não aproveitadas pelos habitantes e os lucros que o governo poderia retirar dessas localidades. CAMPOS, Luiz Thomaz de Navarro de. “Itinerário da viagem que fez por terra da Bahia ao Rio de Janeiro”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, nº 28, janeiro de 1846, p. 417.

<sup>18</sup> BALDUS, Herbert. “Josef Röder und Hermann Trimborn: Maximilian Prinz zu Wied – Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. X, São Paulo, 1956/58, p. 321.

<sup>19</sup> É importante salientar que, embora o príncipe naturalista tenha privilegiado a descrição dos indígenas, os seus escritos contêm uma série de informações sobre a natureza do espaço colonial brasileiro. Isso se deve a sua própria formação, que tinha como interesse estudar os fenômenos da natureza de modo sistemático e mediante comparações, pois havia a tentativa de estabelecer os tipos, classes, gêneros e espécies. Porém, cada vez mais

que adentrava as matas e ouvia sobre a delicada situação dos indígenas seu empenho foi recaindo sobre a história dessas sociedades. Alerta-se que Wied-Neuwied lançou também uma série de artigos e livros, que divulgava as suas descobertas botânicas, dentre os textos mais importantes sobre a fauna e a flora brasileira estão: *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien* e *Abbildungen zur Naturgeschichte von Brasilien*, ambos editados entre 1823 e 1833, que trazem gravuras acerca dessas temáticas.

<sup>20</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002, p. 75.

<sup>21</sup> *Nouvelles annales des voyages, de la géographie et de l'histoire ou recueil*. Paris: MM. J. B. Eyriès et Malte-Brun, tome IX, 1821: 208. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb32826375m/date>. Acessado em: 09 de agosto de 2008.

<sup>22</sup> CARTA ao barão de Altentein, Paris, 29 de fevereiro de 1818. In: HAMY, E. T. *Lettres Américaines d'Alexander von Humboldt (1798-1807)*. Paris, Librairie Orientale & Américaine Guilmoto, 1904, 274-275.

<sup>23</sup> PIMENTEL, Juan. “Los Libros del Mundo: las colecciones de viajes como género de la ilustración”. Em: *Testigos del Mundo. Ciencia, literatura y viajes en la ilustración*. Madrid. Marcial Pons Historia, 2003, 221.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa, DIFEL, 2002, p. 129.

<sup>25</sup> PIMENTEL, 2003, p. 218.

<sup>26</sup> BALDUS, Herbert. “Josef Röder und Hermann Trimborn: Maximilian Prinz zu Wied – Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens”. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. X, São Paulo, 1956/58, p. 321-322.

<sup>27</sup> PORTO ALEGRE, 1992, p. 65.

<sup>28</sup> SALLAS, Ana Luisa Fayet. “Imagens Etnográficas de viajantes alemães no Brasil do século XIX”. In: *VI Reunión de Antropologia del Mercosul*, 2005, Montivideo. Anais da VI Reunión de Antropologia del Mercosul, 2005, p. 11.